

ARTIGO

## As políticas industriais de Saúde no setor de produtos médicos

Por Carlos Goulart

São nos momentos de maiores dúvidas sobre os rumos da economia, marcados por pessimismo e consequente diminuição dos investimentos, que devemos atuar de maneira proativa e com liderança para gerar um movimento contrário, que promova a retomada do aprimoramento socioeconômico.

O Brasil é uma das maiores economias do mundo, tem enorme potencial de crescimento e vive um momento importante na área de produtos para a saúde, com taxas de crescimento expressivas e demanda ainda reprimida. É indispensável, portanto, que tenha maior inserção na cadeia global destes produtos e uma participação compatível com o nível de sua economia.

Pelo lado do Governo, vemos esforços de desenvolvimento e fomento à agregação de valor local. São notórios os desdobramentos do Plano Brasil Maior nesta área e a atuação objetiva e eficiente do GECIS – Grupo Executivo do Complexo Industrial da Saúde - na implementação das políticas industriais do Setor.

A ABIMED, cujo foco de atuação é acelerar a inovação na saúde e fomentar o acesso da população a novas tecnologias, tem, por sua vez, trabalhado junto ao setor na divulgação e apoio às políticas do Ministério da Saúde. São



inúmeros os casos de sucesso, como a publicação de seis PPBs (Processo Produtivo Básico) para fabricação local de Ressonância Magnética, Tomografia Computadorizada, Ultrassom, Raio-X, Arco Cirúrgico e PET/CT. Já há 15 PDPs (Parceria para o Desenvolvimento Produtivo) assinadas, envolvendo 19 produtos. E, na modalidade off-set, um contrato para aquisição de 80 aceleradores lineares (usados no tratamento do câncer) prevê como contrapartida a implantação de uma fábrica no Brasil.

Paralelamente às políticas industriais, mecanismos atrativos de financiamento, com disponibilização de verbas pelo BNDES, FINEP e pelo próprio Ministério da Saúde, têm contribuído para impulsionar e viabilizar as iniciativas.

Ao ampliar seu parque industrial na área de produtos para a saúde, o Brasil amplia, simultaneamente, seu potencial de exportação, tanto

em âmbito global quanto regional, levando-se em conta que os demais países da América Latina são grandes importadores de produtos para saúde. O efeito colateral positivo deste movimento é a redução do déficit da balança comercial.

Os resultados destas políticas dependem, no entanto, da superação de algumas já conhecidas barreiras, que atingem não somente a área da Saúde, como a retomada da competitividade da indústria, melhoria da infraestrutura e logística, modernização de leis trabalhistas e redução da complexidade e tamanho da carga tributária. Adicionalmente, é importante agilizar a aprovação e colocação de novos produtos nos mercados.

O entendimento correto deste universo, composto por uma gama de mais de 10 mil produtos para a saúde, somado à avaliação criteriosa do mercado, desde a demanda em cada um de seus vários segmentos, até o desenvolvimento de fornecedores locais e de uma economia de escala, são os fatores que contribuirão para o sucesso das políticas industriais e para uma inserção mais expressiva do Brasil no mercado global. **HCM**

Carlos Goulart é Presidente-executivo da ABIMED – Associação Brasileira da Indústria de Alta Tecnologia de Equipamentos, Produtos e Suprimentos Médico-Hospitalares.